



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ADRIANO GARCIA PEREIRA

Rimando dificuldades com a alegria de viver na roça: Análise de três cordéis produzidos por estudantes do terceiro ano na Casa Familiar Rural de Uruará, Rodovia Transamazônica, Pará.

Uruará - PA
2024

ADRIANO GARCIA PEREIRA

Rimando dificuldades com a alegria de viver na roça: Análise de três cordéis produzidos por estudantes do terceiro ano na Casa Familiar Rural de Uruará, Rodovia Transamazônica, Pará.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Educação do Campo, Universidade Federal do Pará/Campus de Altamira, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Educação do Campo/Linguagens e Códigos, sob orientação do Professor Dr. Paulo Viera.

URUARÁ – PA 2024

RESUMO

Neste trabalho, é feita uma análise de três cordéis produzidos pelos alunos do 3º ano da Casa Familiar Rural de Uruará, através de aulas onde a produção literária ganhou espaço em uma escola pública da zona rural. Nos cordéis, a realidade vivida pelos alunos do campo é apresentada por eles mesmos, mostrando seus sonhos e as dificuldades enfrentadas em suas vidas como jovens filhos dos agricultores em busca de educação de qualidade. A metodologia usada consistiu na construção dos cordéis em sala de aula com os alunos do 3º ano, sem as preocupações métricas da redondilha e sem exigências de rimas ricas, pois o objetivo era proporcionar uma entrada, sem grandes cobranças formais, no campo da escrita poética e narrativa. A partir da análise dos cordéis, foi possível constatar que os alunos, mesmo enfrentando dificuldades no dia a dia e tendo pouco acesso a uma educação de qualidade, conseguem superar muitos obstáculos, reivindicam mais direitos, sonham com grandes conquistas e se orgulham da vida no campo.

Palavras-chaves: Educação do Campo, Casa Familiar Rural, Poema de cordel.

1. INTRODUÇÃO

A realidade da educação do campo na região da Transamazônica, coração da Amazônia brasileira, é um desafio enfrentado tanto pelos professores quanto pelos alunos. A falta de estrutura das escolas e das estradas, juntamente com a forma diferenciada de viver, faz com que alguns professores tentem trabalhar de forma adaptada, buscando inserir os conteúdos escolares de acordo com a realidade de cada um.

Dessa forma, os alunos terão uma facilidade maior de absorver os conteúdos e desenvolver um aprendizado de qualidade nas escolas do campo. Em 2017, comecei a trabalhar na zona rural do município de Uruará. Como não tinha experiência, enfrentei diversos desafios, sendo o principal erro preparar as aulas com base na realidade dos alunos da cidade. Isso dificultava meu trabalho e o aprendizado dos meus alunos. Sem experiência, eu não sabia exatamente o que fazer e seguia apenas os modelos de planos de aula que meus superiores me pediam para fazer.

No entanto, em 2018, iniciei meus estudos no curso de Educação do Campo da Faculdade de Etnodiversidade, pela Universidade Federal do Pará. Foi então que tive uma visão diferenciada de como podemos trabalhar de forma inclusiva, valorizando os costumes e tradições de cada aluno, o que resulta em um melhor aprendizado para todos.

No ano de 2022, realizei um estágio com os alunos do ensino médio na Casa Familiar Rural de Uruará, uma escola que tem o ensino voltado para os alunos do campo. Nessa escola, os alunos passam 15 dias na escola estudando em período integral e nos outros 15 dias colocam em prática em suas propriedades o que aprenderam no período de estudo. Durante o período em que estive na escola, trabalhei com eles a literatura de cordel, leitura e produção de textos.

Este artigo tem como objetivo mostrar os resultados dessas oficinas criativas a partir de três dos poemas de cordel mais representativos produzidos nas aulas, além de fazer uma análise dos poemas a partir da realidade de vida dos alunos e da importância de promover aulas mais ligadas à realidade do campo.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é baseado em aulas de literatura diferentes do usual, por esse motivo cabe destacar o quadro que Veiga-Neto (1996, p. 165) traça sobre os dois grandes paradigmas pedagógicos, o tecnicista e o crítico. No tecnicista, vale a metáfora da

máquina, onde a didática é uma caixa de ferramentas e cada técnica de ensino é uma ferramenta: “a didática é vista como um conjunto de ‘receitas de bolo’ que permite que os alunos e as alunas aprendam de modo independente [...] [de modo que] a máquina trabalhe cada vez mais sem a intervenção direta do professor ou da professora.”

Já o paradigma crítico “faz do processo de ensinar e aprender uma questão fundamentalmente política e, portanto, uma questão que extravasa a escola” (VEIGA-NETO, 1996, p. 165). A didática apresentada e pensada em um sentido mais pleno e completo do que a ideia da caixa de ferramentas. Nesse caso, valem todas as relações da instituição escola com o mundo social, com a política com a cultural que estão ligadas à vida de lugar.

Assim, sempre poderemos pensar e colocar em prática, de modo diferente, qualquer coisa. “Isso vale para a didática e vale para nossa experiência em sala de aula” (VEIGA-NETO, 1996, p. 171). Minhas aulas na Casa Familiar Rural de Uruará, levaram em conta essa liberdade de fazer diferente, os alunos foram incentivados a escrever cordéis onde podiam expor suas angustias, visões de mundo, alegrias, tristezas, críticas e o resultado, que se verá a seguir, trouxe respostas muito significativas para algumas questões de extrema relevância, como se verá.

Os jovens estudantes do campo reclamam sempre em sala de aula sobre o pouco ou nenhum esforço de muitas escolas rurais de ensino fundamental e médio no sentido de ajustarem seus currículos e práticas docentes à realidade dos territórios onde vivem. As CFRs são cada vez mais conhecidas por ajudarem a reverter esse quadro.

Com essa realidade, busquei fazer com que minha aula de criação literária fosse bem-vinda pelos alunos da Casa, com o intuito de mostrar que existe a possibilidade de aprender de forma descontraída e diferente, onde podemos manter a cultura de cada um e obtermos um ensino de qualidade e libertador como diz (SHOR; FREIRE, 1986, p. 27): “A educação libertadora é, fundamentalmente, uma situação na qual tanto os professores como os alunos devem ser os que aprendem [...]”.

A Escola Comunitária Casa Familiar Rural de Uruará (ECCFRU) possui infraestrutura física predial de alvenaria em condições estáveis de uso, com duas salas de aula, sete dormitórios, quinze banheiros, um auditório, uma cozinha, uma dispensa, uma garagem, um laboratório de informática, uma biblioteca, uma secretaria e uma lavanderia.

A estrutura tem capacidade de atender 100 jovens por alternância. Além da estrutura física, existe uma área externa de aproximadamente 10 hectares para atividades de campo, pois os cursos ofertados para o Ensino Médio são também profissionalizantes

em duas modalidades: Técnicos em Agropecuária e Técnico em Agroindústria, que funcionam no regime de pedagogia da alternância, onde os alunos estudam 15 dias na escola (período integral) e ficam 15 dias em casa, desenvolvendo pesquisas e aplicando o que aprenderam no período escolar.

A turma de 3º ano do ensino médio é composta por 35 alunos ascendentes da zona rural, que trazem consigo algumas deficiências de aprendizado como dificuldade de leitura, interpretação e produção textual. A turma é diversificada, pois os alunos vêm de várias partes do município, alguns de localidades bem distantes, chegando a mais de 100 km.

O período de estágio ocorreu entre os dias 20 a 24 de setembro de 2022, na Casa Familiar Rural de Uruará, na turma de 3º ano do ensino médio. Nesse período, observei o trabalho da professora Joelma, que ministra as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura.

Este artigo registra as atividades realizadas durante o IV estágio supervisionado do Curso de Educação do Campo com ênfase em Linguagens e Códigos, da Universidade Federal do Pará/Campus de Altamira. Tendo como atividade de início a elaboração de um projeto didático, com base nos anseios de aprendizados ali constatados, a fim de contribuir com o aprendizado dos jovens da escola CFR (Casa Familiar Rural).

No dia 23-09-2022, iniciei a aula conversando com os alunos explicando sobre o projeto “A realidade dos alunos da Casa Familiar Rural de Uruará através do Cordel”. Tivemos uma conversa onde todos os alunos se comprometeram em participar e contribuir com o meu trabalho acadêmico. Como eles já tinham estudado sobre cordel no primeiro semestre de aula, não foi difícil a explicação.

Em seguida, os alunos foram dispensados para o intervalo e também ficariam a critério de cada um voltar para a sala ou ficarem no pátio debaixo das mangueiras para a confecção dos cordéis. Houve a paralisação para o almoço e, em seguida, os alunos continuaram a confecção dos cordéis. Fui passando com os alunos ajudando cada um e dando ideias. Com o avanço do horário, encerramos a aula do dia, deixando encaminhado para o dia seguinte o término e apresentação.

A maioria dos alunos da turma fez os cordéis, totalizando 10 cordéis no total. Porém, somente sete se sentiram confortáveis para me entregarem. Dos sete, resolvi fazer a análise de três, todos eles contando a sua realidade vivida no campo. Os poemas produzidos foram: "Ela da cidade para a roça", "Zona rural x zona urbana", "Minha alma

preferida da escola CFR", "A morena de qualidade e estilo", "Convívio no campo", "Vida na roça" e "Minha morada".

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os cordéis foram produzidos com a turma do 3º ano da Casa Familiar Rural de Uruará. Tinham como objetivo trazer sua realidade vivida no campo. Em sala de aula, procurei deixá-los à vontade, podendo ficar em sala ou irem para o pátio da escola, debaixo das mangueiras.

De início, alguns alunos tiveram um certo receio em trazer suas realidades, mas conversei e expliquei que os cordéis seriam para uso acadêmico, e que não seriam divulgados em redes sociais.

Foi então que eles se sentiram à vontade para criar os cordéis. Ao final dos trabalhos, foram produzidos dez cordéis. Iremos analisar, neste trabalho, três desses cordéis. Começando com "A minha morada", de Guilherme Bialesk.

A minha morada

Guilherme Bialesk

Lá é onde moro
A minha saudade
Pois lembro de lá
Desde que não tinha idade

Vai ficar guardada
Toda minha infância
Tudo e com todos
Brincadeiras de crianças

Impossível esquecer dos laços
Onde ficaram memórias
Coisas bem engraçadas
entre os ramos de mato

Saudade até dos trabalhos
Eram bem pesados
Trabalhar com gados...
Em currais enlameados.

Ainda melhores eram
Os passeios de cavalo
Lá onde eu cavalgava
Pelo meio dos pastos
Em cima das montanhas

A minha alegria ficava
De lá avistava a paisagem
Que me apaixonava

Que se encha de bênçãos
Aquele lugar de apaixonar
Pois lá é onde pra sempre
Eu quero morar.

CORDEL 2 - Cordel produzido pelo aluno Guilherme Bialesk, aluno do 3º ano, residente no km 201 sul, zona rural de Uruará.

Guilherme não demonstrou resistência, tampouco dificuldade para produzir o cordel. Ele ainda relatou que tinha muito orgulho de mostrar sua realidade, pois para ele “é através da roça que a cidade se alimenta”. Esse depoimento demonstra clareza social e uma ligação forte com sua origem rural.

Através do seu poema, Guilherme demonstra alegria e satisfação, contando que desde criança mora em um lugar onde se sente muito feliz. Lá, ele sempre trabalhou com a lida de gado, desfrutando das lindas paisagens e dos pastos avistados dos altos dos morros. Reconhece a dureza do trabalho, ao mesmo tempo que louva a vida no campo e suas paisagens e belezas.

Ao ler o poema de Guilherme, é fácil perceber que ele vive em um lugar que lhe traz muitas alegrias e momentos que marcaram sua vida, quando ele diz: “Impossível esquecer dos laços onde ficaram memórias”. Ao se referir a "laços", está mencionando um esporte praticado por vaqueiros, onde em uma pista de vaquejada, eles têm como obrigação laçar pelos chifres bois ou vacas.

Mas ao mesmo tempo, a palavra “laço” se torna polissêmica, podendo também ser interpretada no sentido de laços afetivos, amizades, que a memória vai guardar para sempre. Deve-se dizer, ainda, nesse contexto, que “na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos” (COSSON, 2006, p. 17).

É preciso destacar o lirismo empregado pelo jovem ao compor esses versos. E dizer que, muitas vezes, grandes talentos como o de Guilherme para a poesia são desperdiçados por falta de oportunidade, o que justifica ainda aulas que operam pela

prática da escrita literária, fazendo os jovens refletirem e colocarem no papel o que pensam. Pois, muitas vezes, os talentos se revelam, como se vê.

Vida na roça

Marcos Antônio Bispo Barros

No começo era verdade
Eu gostava da cidade
Mas um dia eu senti
Que a roça está aqui
No lado esquerdo do peito
Onde fica o coração

Por outro lado, tinha a cidade
Com muita diversidade
Brinquedos por todo lado
Mas todos eram comprados
e a diversão era limitada
Como paredes de sua casa

Na roça temos liberdade
Na escola e na propriedade
Onde podemos brincar na estrada
Sem se preocupar com todos
Que por ali passavam

Na cidade temos colegas
Que facilmente nos abandonam
Trocamos de escola muito rápido
Encontrando novos amigos
Sempre na mesma rotina
Da escola para casa

Já na roça é diferente
Todos os alunos se conhecem
As famílias tudo vizinhas
Amigáveis com toda gente
Um dia fazemos uma tarefa
No outro ficamos de bobeira

Na roça produzimos tudo
Que é consumido na cidade
Na sua mesa está um pouco
Do suor do produtor rural
Quem critica a agricultura
Come só o que produzimos

Na roça somos pratos cheios
Comemos de tudo um pouco
Feijão catado na hora
Ovos de galinha caipira
Fritos na banha do porco

CORDEL 2 – Cordel produzido pelo aluno Marcos Antônio Bispo Barros do 3º ano da Casa Familiar Rural, do curso técnico de Agroindústria, residente no km 224 norte, cerca de 70 km da sede do município de Uruará-Pará.

O aluno Marcos Antônio Bispo Barros traz o cordel "Vida na Roça", onde ele compara a vida da cidade com a da roça. No início, ele morava na cidade, mas o poema relata que ele sentiu que a roça era sua paixão, onde ele tem liberdade, todos se conhecem e há muita fartura, pois tudo que se come é plantado ali mesmo.

Marcos ficou bastante contente quando soube que o tema do cordel seria falar sobre sua realidade no campo, pois para ele é motivo de orgulho falar do lugar onde mora, que lá é seu paraíso e que não troca por nada, e que a verdadeira felicidade estava lá onde está a sua morada.

O teórico Antonio Candido (2011, p. 188), nos ensina que a literatura “corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”. A literatura é fonte de conhecimento por meio da memória e da imaginação e o cultivo literário, na prática de leitura e da escrita, nos permite transformar e reordenar o mundo, nos fazendo mais atentos à nossa própria realidade, ao que amamos, e ao que realmente importa.

Marcos relata em seu poema que morava na cidade, mas um dia sentiu em seu peito que a roça era seu lugar de morar. Ele ainda diz que a cidade é um lugar com muita diversidade, mas ele se sentia preso, pois em uma parte ele diz: “A diversão era limitada como paredes de sua casa.” É possível observar que na roça ele se sente livre, vivendo assim uma vida mais feliz com a família e amigos, num cotidiano de vida mais estável, onde os amigos tendem a ser os mesmos.

É possível observar ainda no poema que Marcos, uma realidade das crianças e adolescentes que vivem na zona urbana, uma realidade onde falta escolas em tempo integral, para que os alunos não se sintam limitados dentro de casa, onde os mesmos possam aproveitar o tempo livre para praticar esporte, lazer, cursos técnicos, algo para sua formação, enquanto pessoa e futuramente profissional.

Essa falta não é sentida na vida no campo, como se observa no poema, pelo fato de no campo a relação com a natureza ser sempre intensa. O ócio caminha junto com o trabalho, uma hora se está sem nenhum afazer e na outra hora há o plantio, a colheita, a lida com o gado, tudo ao mesmo tempo trabalhoso e também muito animado.

Zona rural X Zona Urbana

Natalia Almeida

Vou falar um pouquinho
Da nossa realidade
A diferença da zona rural
Para o povo da cidade

O povo da zona rural
Meio que em sua maioria
Enfrenta dificuldade
Quase que todos os dias
Mas mesmo com tudo isso
Vivem com muita alegria

O povo da zona urbana
Tem suas prioridades
Para comprar e vender
Estudar com facilidade
Mas nesse meio tem também
Os que passam dificuldade

As famílias do travessão
Passam por uma agonia
Pra ver seus filhos estudar
Nos decorreres dos dias
E assim vê-los formados
Talvez em agronomia

Já os jovens da cidade
Com algumas mordomias
Desperdiçam muitas chances
Que lhes surgem todo dia
De estudar pra se formar
Em uma Faculdade pra vida
O povo do travessão
Conta com o professor
Sim, aqueles do PROINTER
Que estudam com amor
Pra repassar o que sabem
Ao fundamental maior

A gente da zona urbana
Com escola quase em casa
Do primeiro ao nono ano
E o médio nem se fala
Devia aproveitar
E prestar atenção na aula.

A galera lá do lote
Que pensa em se formar
Alguns saem de suas casas
Para o médio estudar
E com a ajuda de Deus
Na faculdade ingressar

Os cidadãos da cidade
Em principal os adolescentes

Tem que se espertar pro assunto
Em suas vidas mais a frente
O que farão pra viver
Sem uma profissão decente?

E os da zona rural
Que é do nosso dia a dia
Enfrentam dificuldades
Sem frescuras e sem mania
Dão a cara e vão à luta
Em busca de melhorias

É essa a realidade
E a grande diferença
Que tem uns que vão à luta
E sem perder a sua essência
Tem prazer de ensinar
Pra essa tal adolescência

E a vantagens dos colonos
Do Xingu pra esses lados
É que ter a CFR
Para passar o letrado
E colocar os alunos
No ensino médio formados

Para encerrar o assunto
Vou falar uma verdade
Para quem quer estudar
Seja no lote ou na cidade
Tem que botar o estudo
Como a prioridade

CORDEL 3: Cordel produzido pela aluna Natalia Almeida, aluna do 3º ano do curso de técnico em agropecuária da Casa Familiar rural de Uruará, residente no km 155 sul, zona rural de Uruará Pará, cerca de 65 km da sede do município.

Natalia Almeida relata em seu cordel a realidade da zona rural e zona urbana. A aluna não demonstrou dificuldade e disse que estaria à disposição para colaborar com suas ideias, e que falar do lugar onde reside é “moleza”, pois mesmo enfrentando algumas dificuldades, ela era “muito feliz”.

Em seu cordel, Natalia traz uma estrofe falando da zona rural e outra falando da zona urbana. Em relação à zona rural, descreve que o povo enfrenta dificuldades, mas que existem muitas alegrias, e que os jovens saem de suas casas em busca de estudo com o objetivo de um futuro melhor. Em relação à cidade, fala que eles têm suas prioridades e que tudo é mais fácil, mas mesmo assim ainda há os que passam dificuldades, e que os jovens mais abastados desperdiçam as oportunidades.

Ao analisar o poema de Natália, é possível constatar um problema constante enfrentado por quem mora na zona rural: o acesso à escola. Ela relata: “As famílias do travessão, passam por uma agonia, para verem seus filhos estudarem, nos decorreres do dia”.

Certamente pelo difícil acesso das estradas, das condições precárias das escolas, pois sabemos que, no período chuvoso (inverno, que acontece durante mais da metade do ano na região), as estradas ficam ruins pois não há asfalto, só lama e buracos. O transporte escolar fica preso em atoleiros, na escola às vezes falta professor, falta merenda, são diversos os problemas enfrentados.

Natalia ainda traz em seu poema a problemática dos alunos cursarem o ensino médio, uma vez que o estado não oferta o estudo nas comunidades do município. Então, esses alunos têm como alternativa a Casa Familiar Rural (CFR). Em uma estrofe, ela diz: “E as vantagens dos colonos, do Xingu pra esses lados, é que tem a CFR, para passar o letrado, e colocar os alunos no ensino médio formados”.

Nota-se que Natália possui muito talento para a poesia, consegue expressar suas ideias com clareza e de maneira desconcertante, ao expor a realidade que vive, os problemas e, além do mais, criticar o que considera regalias em comparação à dura realidade de quem quer ter uma formação plena vivendo no campo.

4. CONCLUSÃO

A realização deste trabalho foi de grande importância para minha formação acadêmica, também muito satisfatória em realização pessoal. Os trabalhos realizados foram produtivos, contando com a parceria dos alunos, da professora e do quadro de funcionários da Casa Familiar Rural de Uruará, alcançando um resultado bastante satisfatório.

Através das atividades desenvolvidas, pude observar o tamanho da importância de trabalhar com os alunos valorizando sua cultura, sua forma de viver, seus costumes e tradições. Cada cordel apresentado trazia um brilho no olhar, um sentimento de realização ao verem a realidade de cada um contada com rimas e estrofes. Foi onde constatei que, através do cordel, cada aluno tinha uma forma diferente de se expressar.

Por meio deste, pude visualizar os desafios que os alunos da CFR enfrentam no desenvolvimento de suas atividades escolares, por pertencerem a uma localidade onde falta o acesso à uma educação de mais qualidade.

Em meio a tantos obstáculos, pude ver que, apesar das limitações, é possível fazer mais e melhor para nossos alunos do campo.

Os resultados foram uma lição de vida para mim, enquanto acadêmico, percebi que é possível oferecer uma educação de qualidade quando a escola valoriza a realidade dos nossos alunos, onde cada um possa sentir-se valorizado, sabendo e sentindo na prática que a escola será um local de inclusão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

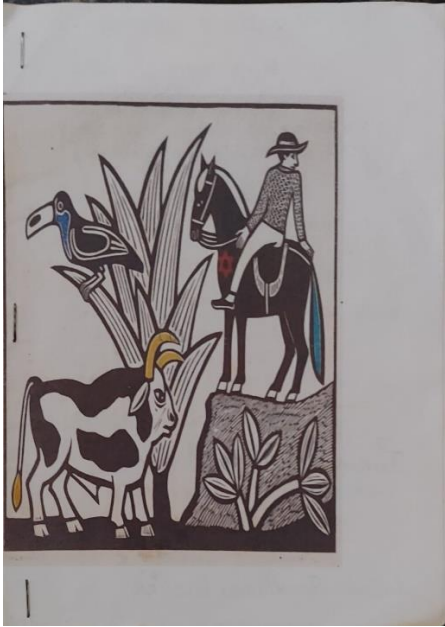
CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário, teoria e prática**. São Paulo: Contexto. 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. **A didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista**. Revista Educação & realidade, v. 21, n. 2, p. 161-175, 1996.

SHOR, Ira. FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia - O cotidiano do professor**. Editora Paz e Terra, v. 18, Rio de Janeiro 1986.

ANEXOS:



A minha maroto.

La' i' endo maroto
 A minha salto do
 Para Lumbro do LO
 Des do Lumbro que não
 Tenho muito salto.

La' Euan guardado
 Cada minha infância
 Junto com todos os
 Brincadeiras de infância.

Imbriente esquente dos laços
 Onde Euanam varren
 amais enganchado
 Dentro dos campos de mata.

Salto do' dos trabalhos
 Para um dia do
 Trabalho com gosto
 Dentro dos campos amados.

Ainda melhor eram
 Os campos de cavalo
 La' endo os cavalos
 Eto mais dos cavalos.

Enimo dos mentores
 A minha alegria ficou
 Para do la' anterior
 Uma passagem que me alegrava.

Deu se into de benção
 Aquel lugar de Alaxamã
 Para la' i' endo sempre
 Eu quero maroto.

Zona rural x Zona urbana

Vai falar umquinho Da nossa realidade	Já no governo da cidade Com algumas merdemia
A diferença da zona rural Para o povo da cidade	Dependiam muitas chances Que eles surgem todo dia
O povo da zona rural Mas que a maioria	De estudar pra se formar Em uma faculdade d'rodia
Enfrentam dificuldade Quase que todos os dias	O povo de trançasas Contam com o professor
Mas mesmo com tudo isso Nem com muita elegia	Sim! Aquilo de praínter Que estudaram com amor
O povo da zona urbana Tem suas prioridades	Pra supassar e que sabem Ao fundamental maíen
Pra comprar e vender É estudar com facilidade	A gente da zona urbana Com escola quase em casa
Mas não me tãmpm tem Os que passam dificuldade	De primeira a nono ano É o médio num se fala
As famílias de trançasas Passam por uma agonia	Devriam aproveitar E pstar tensas na aula
Pra ver seus filhos estudar Nos dias desses dias	A galera lá de lá Que pensam e se formar
É assim rito formados Talvez um agronomia	Alguma saem de suas casas Pra o médio estudar
	É com ajuda de Deus Na faculdade ingressar.

↓
♥

Credeol

Já na roça é diferente / colhido na porta de casa
Tudo alunos se conhecem / bolo de mandioca feito
As famílias tudo vizinhas / Na feijão e brasa
A migaveis com todas gente
Um dia fazemos uma tarefa
E no outro ficamos de beibeis

Na cidade a mesma rotina
Repetindo as tarefas
Uns brigando com os outros
Se falando com celulares
Tentando se aproximarem
Com intenções em Deus olhares
Muitas intenções maldosas

Na roça produzimos tudo
Que é consumido na cidade
Na sua mesa está um pouco
Do suor do produtor rural
Da mesma forma são as pessoas
Que ainda criticam o agricultora
Comem só o que produzimos
Se não morreriam de fome

Na roça somos pratos aleios
Comem de tudo um pouco
Ovos de galinha caipira
Frutos na busha de porco
Feijão cota do na hora

Aluno:
Marcos Antonio
Barros Bispo

